

# PRÁTICAS SEXUAIS E REPRESENTAÇÕES HISTÓRICAS

## Sexual acts and historical representations

Lourdes M. G. C. Feitosa<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Doutora em História Cultural. Pesquisadora vinculada ao Centro do Pensamento Antigo (CPA), da Unicamp. Docente do curso de História da Universidade do Sagrado Coração (USC), Bauru / SP.

FEITOSA, Lourdes M. G. C. Práticas sexuais e representações históricas. *Mimesis*, Bauru, v. 29, n. 2, p. 89-104, 2008.

### RESUMO

O tema da sexualidade tornou-se mais frequente no campo da ciência ao longo das últimas décadas do século XX e pesquisadores de diferentes áreas enfrentam inúmeros desafios ao se debruçarem sobre essa questão. Neste artigo, consideram-se os efeitos da imposição do olhar ético e moral ocidental moderno sobre a documentação “erótica” da Antigüidade e as novas perspectivas propostas para essas fontes com referências sexuais, em especial sobre os grafites, pinturas e esculturas da Pompéia Romana do século I d.C..

**Palavras-chave:** Sexualidade. Sociedade romana. Reinterpretações históricas

### ABSTRACT

*The theme “sexuality” became more usual in the science in the last decades of XX Century. Researchers of distinct areas were involved with challengers when they started investigations on this*

Recebido em: maio de 2008  
Aceito em: agosto de 2008

*new subject. In this paper we observe the consequences originate by the impositions of occidental ethic and moral visions about the “erotic” fonts from Ancient and, as some novelty, we introduce new perspectives on the generous documentation with sexual references. In special, we handle graffiti, paints and sculptures from Roman Pompeii of I Century.*

**Keywords:** *Sexuality. Roman society. Historical review.*

## INTRODUÇÃO

O tema da sexualidade tornou-se mais frequente no campo histórico no decorrer das últimas décadas do século XX, momento em que se aprofundam e intensificam os debates a respeito dos métodos e da escrita da História e a inserção de temáticas até então desconsideradas em sua análise. Essas reflexões surgiram do interesse em compreender as inúmeras nuances que envolvem a vida dos seres humanos e as variações culturais e históricas da constituição do corpo, das relações afetivas e das maneiras de instituir e gerir a sexualidade.

Desde então, tem sido necessário enfrentar desafios. O primeiro deles é o confronto com uma arraigada idéia de senso comum de que as motivações sexuais são e sempre foram iguais, uma vez consideradas “instintivas” e “naturais” do ser humano. Outro aspecto é o valor negativo atribuído à sexualidade. A influência do pensamento judaico-cristão designou ao sexo uma conotação nociva, sentido estendido aos objetos, imagens e escritos com referências sexuais, considerados incitações à pornografia, à libidinagem.

Das inúmeras discussões ocorridas em torno da sexualidade, há um posicionamento a favor de uma releitura desse tema e de conceitos a ele relacionados, como o amor, o erotismo, o desejo e a sensualidade, dentre outros. Com mais frequência enfatiza-se a importância de leituras criteriosas dos diferentes sentidos que a sexualidade adquire em momentos históricos específicos e segundo as tradições, os costumes e os valores religiosos e morais de cada grupo social<sup>1</sup>. Não que o objetivo destas discussões seja o de “resgatar” os seus sentidos originais, o que é impossível de ser feito; a idéia é a de buscar apreender outras conotações do que é ou seria erótico em univer-

FEITOSA,  
Lourdes M. G. C.  
Práticas sexuais  
e representações  
históricas. *Mimesis*,  
Bauru, v. 29, n. 2, p.  
89-104, 2008.

---

<sup>1</sup> A respeito disso Cf. Kampen, 1996; Larmour, Miller, Platter, 1998 e Schmidt, Voss, 2000.

FEITOSA,  
Lourdes M. G. C.  
Práticas sexuais  
e representações  
históricas. *Mimesis*,  
Bauru, v. 29, n. 2, p.  
89-104, 2008.

soz diferentes, sem a transposição de nossos conceitos para outras sociedades, sejam atuais ou do passado.

Embora a expressão *sexualidade* tenha sido empregada somente a partir do século XIX e, portanto, sem valor epistemológico para sociedades anteriores, a sua aplicação é apropriada por considerar como os aspectos culturais interferem na maneira como as pessoas se relacionam com o próprio corpo, com os seus desejos e sentimentos. A análise da sexualidade integra a historicidade do corpo, do que pode ser definido por erógeno, das prescrições estabelecidas à prática sexual, e de suas emoções, evidenciando variados sentidos de acordo com os valores socialmente constituídos em grupos, tempos e espaços históricos estabelecidos<sup>2</sup>.

## TRATAMENTO DO CONJUNTO DOCUMENTAL “ERÓTICO”

Esse repensar sobre as referências do passado que contenham conotações sexuais é ainda algo muito recente e só há pouco tempo mostrou ser viável e produzir resultados consistentes, como ficou patente no caso da documentação material romana. No estudo sobre essas representações, a imposição do olhar ético e moral moderno sobre a literatura, inscrições e imagens romanas infligiu a esse conjunto documental, até pouco tempo, um enorme ostracismo acadêmico. Durante os séculos XVIII e XIX, por exemplo, as pinturas, esculturas e mosaicos eram guardadas em seções reservadas de museus, de acesso restrito, sem a indicação de sua proveniência. Todo material encontrado em Pompéia, Herculano e Stábia foi guardado no denominado *Gabinete de Objetos Obscenos*, criado em 1819, onde só era permitido o ingresso de pessoas *de mais idade e de conhecida moral* (JACOBELLI, 1995, p. 10; ANDERSON, 1990, p. 96). Apenas em 1860 foi providenciada a catalogação de todo o repertório e a alteração de seu nome para *Coleção Pornográfica*, denominação que não diferia muito da anterior, mas que é mantida ainda hoje para essa seção “secreta” do Museu Nacional de Nápoles. Com as novas perspectivas do trato da sexualidade, essa coleção finalmente pôde ser aberta ao público, o que aconteceu apenas no ano de 2000, mas sob o protesto do Vaticano, que divulgou uma nota opondo-se a essa exposição por considerá-la “erótica” e ofensiva aos preceitos morais dos dias

---

2 Ver, dentre outros, Caplan, 1996: introdução; Foucault, 1990: 11; Skinner, 1997: 3.

atuais, mesmo que tal valor possa não ter existido entre os romanos (WASSERMANN, 2000, p. 71).

O estigma de pornográfico atribuído aos documentos de cunho sexual romano, por vezes, é reforçado pela mídia, como matéria intitulada “Leituras cruzadas, Pornografia ao pé da letra” apresentada, recentemente, em um jornal brasileiro de grande circulação (SCHICHVARGEN, 2005). A significativa produção de artefatos com representações sexuais, encontradas com abundância em diferentes regiões do império romano, levou a jornalista a concluir por um ‘gosto romano pelas imagens e textos pornográficos’, em uma clara transposição de conceitos do imaginário contemporâneo para a Antigüidade. Nesse caso, a conclusão baseada em noções de senso comum e/ou em obras historiográficas questionadas<sup>3</sup> por pesquisas mais recentes, até mesmo brasileiras<sup>4</sup>, preocupadas em considerar outras conotações que essas peças e escritos podem ter adquirido em seu contexto de produção, reforçou pensamentos acríticos e estereotipados da sexualidade antiga.

Contudo, também não poderia deixar de elogiar a crescente preocupação de muitos editores de embasarem as suas matérias sobre a sexualidade antiga em diálogos com estudiosos da área, atitude promissora de apresentar ao público leigo outras possíveis conotações atribuídas a esse material, favorecendo a divulgação de abordagens críticas e atualizadas a respeito do tema<sup>5</sup>.

Para o universo Romano, a releitura de obras literárias e o uso de outras evidências históricas, como as fontes epigráficas, arqueológicas e iconográficas têm possibilitado alterar essa transposição de valores e situações atuais para a Antigüidade e permitido refletir sobre os significados que poderiam ter adquirido na sociedade Romana (CANTARELLA, 1991; LARMOUR, 1998; VARONE, 2000; FUNARI, FEITOSA, SILVA, 2003). Contudo, esta posição exige superar preconceitos. Até os anos de 1970, raras eram as análises

FEITOSA,  
Lourdes M. G. C.  
Práticas sexuais  
e representações  
históricas. *Mimesis*,  
Bauru, v. 29, n. 2, p.  
89-104, 2008.

---

3 Por exemplo: Kiefer, 1934; Robert, 1994 e Galán, 1996.

4 Inúmeros pesquisadores brasileiros dedicam-se a analisar as diversas conotações sociais da sexualidade humana como pode ser visto, por exemplo, no GEISH - grupo de estudos interdisciplinares em sexualidade humana - cujas discussões podem ser acompanhadas na revista *Entretextos, Entresexos*, da Unicamp.

5 Como exemplo, entrevistas de FEITOSA, L. C. em: “TPM Milenar”, *Revista da Folha de São Paulo*, 2004; “As paredes contam tudo”, *SuperInteressante*, 2003; “Os grafites revelam como amavam os romanos”, *Jornal O Globo*, 2003, “História: Os amantes, como as abelhas, uma vida doce buscam”, *Revista Fapesp*, 2003. “Comportamento amoroso é o mesmo”, *Jornal Bom Dia*, Bauru, 2006 e Amor infiel, *Jornal da Cidade*, Bauru, 2006. Ver, também, CAVICCHIOLI, M. R. “Representações sexuais da Pompéia romana”, *Jornal da Unicamp*, 4 a 10 abr. 2005 e FUNARI, P. P. *Aventuras na História digital blog*, São Paulo, matérias desde maio de 2005.

FEITOSA,  
Lourdes M. G. C.  
Práticas sexuais  
e representações  
históricas. *Mimesis*,  
Bauru, v. 29, n. 2, p.  
89-104, 2008.

sobre sexualidade (KIEFER, 1934) e ainda nas décadas de 1980 e 1990, estudiosos europeus preocupavam-se em salientar a seriedade de seus estudos em temas ‘pornográficos’.

Quando Enrique Cartelle publicou, em 1981, a tradução de uma série de inscrições amorosas de Pompéia, inicialmente pede a seu público compreensão:

Primeiro, porque a temática destes grafites, sempre evitada por pudor ou tabu, nos servirá para chegar a um aspecto do mundo antigo geralmente desconhecido, mal compreendido ou evitado por preconceitos ... Segundo, porque estamos diante da linguagem de rua, de pessoas geralmente sem grande instrução, que escrevem como falam, sem rodeios, mas que, em outros casos, expressam delicadamente os seus sentimentos (CARTELLE, 1983, p. 93)<sup>6</sup>.

O mesmo fez o italiano Michele D’Avino nas páginas iniciais de seu livro **Pompéia Proibida** (*Pompei Proibita*), publicado em 1993: “este breve exame da parte proibida de Pompéia não deseja ser um livro pornográfico, mas um texto de informações originado da seriedade de propósito” (D’AVINO, 1993: 9)<sup>7</sup>. Observem que essa justificativa foi apresentada há apenas alguns anos! Como pesquisadora da área, também percebo em minhas apresentações um misto de espanto e sorrisos disfarçados, mesmo entre o público acadêmico, mais familiarizados com releituras sobre a sexualidade, ao ouvir detalhes de um tema ainda considerado curioso e não muito “comum” de ser estudado. E isso faz com que fique ainda mais evidente a necessidade de aprofundarmos as discussões sobre a **construção histórica** dos valores relacionados à sexualidade, ou seja, que a maneira como a concebemos não é e nem sempre foi a mesma em outras experiências sociais.

Esses exemplos elucidam como as aceções morais do meio no qual está inserido o estudioso exercem forte influência na escolha de um tema de pesquisa e nas discussões por ele realizadas. Apesar

---

6 “Primero, porque la temática de estos grafitos, siempre evitada por pudor o tabú, nos servirá para llegar a un aspecto del mundo antiguo generalmente desconocido, mal comprendido o evitado por falsos prejuicios ... Segundo, porque estamos ante la lengua de la calle, de personas generalmente sin gran instrucción, que escriben como hablan, sin tabujos, pero que, en otros casos, tratan de expresar líricamente sus sentimientos”. (Tradução da autora)

7 “Questa breve rassegna della parte proibida di Pompei non vuol essere un libro pornografico ma un testo di informazione nato da serietà di propositi”. (Tradução da autora)

desses aspectos, têm-se tornado notório os esforços e o número de pesquisadores preocupados em compreender essa documentação, procurando inseri-la no universo mental, moral e cultural em que foi produzida, o que resulta em um novo espaço de conhecimento sobre as mentalidades, os costumes e a esfera da sexualidade de outras culturas.

FEITOSA,  
Lourdes M. G. C.  
Práticas sexuais  
e representações  
históricas. *Mimesis*,  
Bauru, v. 29, n. 2, p.  
89-104, 2008.

## UM OLHAR SOBRE POMPÉIA E SUA ESCRITA

A pequena e atual cidade de Pompéia, localizada na Campânia italiana, tem se reorganizado, enquanto centro urbano, a partir das escavações arqueológicas que tiveram início no século XVIII. A cidade, hoje conhecida em todo o mundo, não foi tão notória na Antiguidade. A descoberta de *Pompei Scavi* no século XVIII (denominação italiana do sítio arqueológico da antiga região romana *Colonia Cornelia Veneria Pompeiorum* (CIL, X, 787), soterrada pelo Vesúvio em 79 d.C.), e as escavações que vêm ocorrendo desde então, têm chamado a atenção pela descoberta de uma ampla documentação material e epigráfica. Destaca-se como significativa fonte para pesquisadores sobre o mundo romano e é atração para milhões de visitantes a cada ano.

Inúmeros problemas de ordem política, econômica e de manuseio das evidências têm envolvido os trabalhos na região. Como o interesse central dos pesquisadores do século XIX era com a arte e a arquitetura pompeiana, muitos artefatos foram perdidos, dispersos ou destruídos. Percebe-se que nem todos os objetos encontrados foram catalogados, bem como a falta de informação sobre a proveniência de muitos deles, além da mistura de peças de lugares diferentes (GUZZO, 1997, p. 7; LAURENCE, 1994, p. 3), o que dificulta a análise de muitos aspectos do funcionamento dessas cidades (Cuidados que agora estão sendo tomados com os locais da antiga Pompéia em escavação ou a serem escavados, que corresponde a cerca de um terço da cidade).

Ainda assim, o número e a diversidade de estátuas, pinturas, mosaicos e inscrições, além de valorosas peças ornamentais, instrumentos cirúrgicos, utensílios domésticos, moedas e muitos outros objetos, formam um conjunto raro de fontes que estimulam o desenvolvimento de estudos sobre a história pompeiana, bem como de aspectos diversos da própria organização da sociedade romana. Dentre esses documentos arqueológicos destacam-se, para uma análise da sexualidade, as inscrições epigráficas, as pinturas e esculturas.

FEITOSA,  
Lourdes M. G. C.  
Práticas sexuais  
e representações  
históricas. *Mimesis*,  
Bauru, v. 29, n. 2, p.  
89-104, 2008.

Abaixo uma menção sobre as inscrições, documento em destaque para essa análise.

### Estiletos em ação...

A palavra “inscrição” tem origem na expressão latina *inscriptio* – ação de escrever sobre algo – e é utilizada, em tempos modernos, para caracterizar um texto entalhado, gravado, traçado ou, de outra maneira, estampado sobre uma superfície durável como pedras, metais, cerâmicas, telhas, vidros, reboco de muros, mosaicos *tesserae* (IRELAND, 1983, p. 220; KEPPIE, 1991, p. 10; BODEL, 2001, p. 2).

Dentre as inscrições romanas encontradas, distinguem-se as **monumentais**, gravadas com letras capitais ou maiúsculas, esculpidas em monumentos, tumbas funerárias, edifícios públicos e outras, usadas, principalmente, para divulgação de decretos oficiais, datas comemorativas e fins honoríficos; e as **comuns**, escritas em letras cursivas, utilizadas pelo povo para registros de fatos do cotidiano. Anúncios, recados, insultos, sátiras a políticos, declarações e querelas amorosas estão entre os temas freqüentemente registrados. Essas inscrições em letras comuns são chamadas de grafites, derivada de *graphium*, instrumento que possuía a ponta dura e que permitia que as pessoas delineassem, com alguma facilidade, o sulco no formato das letras desejadas.

Esse traçado sobre as paredes, chamado em latim de *graphio inscripta*, era a maneira mais comum e freqüente de as pessoas se expressarem. A grande quantidade dessa documentação obtida em diferentes extensões do mundo romano instigou a organização de um grupo de estudiosos dirigido pelo alemão Theodor Mommsen, em 1847, preocupado em organizar e publicar as inscrições latinas de todas as partes desse império (KEPPIE, 1991, p. 36). Assim, foi instituído o *Corpus Inscriptionum Latinarum*, mais comumente conhecido por CIL, cujo volume IV é dedicado às inscrições encontradas em Pompéia, Herculano e outras cidades da região vesuviana.

As inscrições comuns de Pompéia chamam a atenção pela grande quantidade em que foram encontradas em muros, paredes externas e internas de edifícios públicos, tabernas, locais de trabalho, habitações, ou seja, praticamente em todos os espaços disponíveis nas paredes da cidade. A ação dos “grafiteiros” era tão intensa que, mesmo com a atuação dos *dealbatores*, trabalhadores que tinham por finalidade a limpeza das paredes, um grande número delas tem sido encontrado nas escavações, como mencionado anteriormente.

O *dealbator* era encarregado de apagar velhas notícias, mensagens indesejáveis ou mesmo de deixar as paredes limpas. Parte



desses novos espaços era utilizado com recados “oficiais”, ou seja, anúncios de venda de produtos, de espetáculos ou cartazes eleitorais, por exemplo, escritos, via encomenda, por trabalhadores pagos para isso – os *scriptores*<sup>8</sup>. Contudo, de todas as inscrições catalogadas, a imensa maioria corresponde àquela registrada de próprio punho pelo autor. As mensagens dos grafites são voltadas, em profusão, para a comunidade local, em um extenso “diálogo” no qual os escritores registravam suas opiniões, desejos, experiências e sentimentos, além de fazerem considerações sobre o que outros haviam escrito, apresentar saudações, ofensas, votos de bom augúrio, opiniões, recados, entre uma infinidade de temas e questões. Para essa reflexão, é apresentada uma análise da temática “amorosa”, desenvolvida a seguir.

### ... e as representações sexuais na cabeça

Masculinidade e virilidade são palavras intimamente interligadas e, segundo uma conotação moderna, associadas à conquista, principalmente sexual. No campo amoroso, é comum o seu vínculo com o ato de seduzir, de exercer a sua atração sobre o outro. Em Pompéia, encontram-se muitos registros com o verbo *futuere* que, em sentido literal e coloquial, significa a ação de “foder”, ou, em padrão culto, “ter relação sexual com”<sup>9</sup>. A questão é definir as conotações que essas representações poderiam ter no ambiente popular pompeiano. Nas paredes do *Vico Del Lupanare* (Rua do Lupanar)<sup>10</sup> há muitas citações dessa prática, como mostram os grafites selecionados. Por meio deles, anônimos escreveram:

*Hic ego puellas multas futui*  
(CIL, IV, 2175)

[Aqui eu fodi muitas garotas],

*Hic ego cum veni futui deinde redei domi*  
(CIL, IV, 2246)

[Quando estive aqui, fodi e depois voltei para casa].

---

8 Menções a esses trabalhadores podem ser vistas em grafites como CIL, IV 222, 230, 1190 e 3529.

9 Aqui utilizaremos o significado coloquial, mais próximo, convém supor, da fala cotidiana popular pompeiana.

10 Há evidências arqueológicas da existência de diversas casas de prostituição em Pompéia, embora haja controvérsias quanto ao seu número, Cf. Laurence, 1994, p. 73. A Rua do Lupanar corresponde àquela onde foi encontrado o único prostíbulo que se manteve inteiro após as escavações. São dois andares com cinco leitos em baixo e cinco no andar de cima.

FEITOSA,  
Lourdes M. G. C.  
Práticas sexuais  
e representações  
históricas. *Mimesis*,  
Bauru, v. 29, n. 2, p.  
89-104, 2008.



FEITOSA,  
Lourdes M. G. C.  
Práticas sexuais  
e representações  
históricas. *Mimesis*,  
Bauru, v. 29, n. 2, p.  
89-104, 2008.

Já este outro foi assinado por Felix:

Felix bene futuis (sic)  
(CIL, IV, 2176)

[Felix fode bem].

E este por Plácido:

*Placidus hic futuit quem volvit*  
(CIL, IV, 2265)

[Plácido aqui fodeu quem ele desejou]<sup>11</sup>.

Mas em lugares diversos, nos quais não se pode fazer uma associação direta com um ambiente onde se praticava sexo, pode-se encontrar referências a essa ação, como o grafite de uma das colunas da Rua da Fortuna:

Ephesus fututor  
(CIL, IV, 1503)

[Éfeso, fodedor],

este encontrado na parede de uma taberna<sup>12</sup>:

Hic futui cum sodalibus  
(CIL, IV, 3935)

[Aqui, com meus colegas, fodi],

Há muita discussão e controvérsia sobre o significado que essas referências poderiam assumir na sociedade romana, dentre as quais destaco algumas interpretações. Para Varone, essas freqüentes citações são próprias da pulsão erótica, que suscita uma necessidade incontrolável de escrever sobre o encontro sexual e de dividir com os outros o prazer que sentiram na relação. Portanto, citá-las seria a própria continuação do prazer (VARONE, 2000, p. 79).

Eva Cantarella justifica que o romano tinha uma insistência quase que *obsessiva* para revelar a sua virilidade que estaria atrelada, fundamentalmente, à sua potência sexual, computada pela quantidade de conquistas efetuadas: “evidencia que, na realidade, aquilo

---

11 O mesmo disseram Solenes, Vitálio, Hérmero, Pósforo, Crisero e Sucesso, respectivamente em CIL, IV, 2186/ 87/ 95; 2241 e 4816. Para outras referências de cunho “sexual” e afetiva, conferir Feitosa, L, V. **Amor e sexualidade: o masculino e o feminino em grafites de Pompéia**. São Paulo: Fapesp/Annablume, 2005.

12 Taberna de n. 20 da Reg. I, Íns. 2.

que mais interessava ao cidadão de Pompéia era que de sua real ou pressuposta potencia sexual se falasse, que os seus cidadãos soubessem, que ninguém colocasse em dúvida a sua virilidade” (CANTARELLA, 1999, p. 141)<sup>13</sup>. Segundo Galán, os romanos “tão impudicos para revelar-nos suas paixões eróticas, não registraram na literatura a introspecção do sentimento amoroso...” (GALÁN, 1996, p. 18)<sup>14</sup>; já para Robert, “os prazeres... mantêm-se entre as maiores preocupações de um homem romano” (1994, p. 44)<sup>15</sup>.

Adams compartilha a idéia de que essas menções seriam indicações da virilidade dos sujeitos que a escreveram ou, ao menos, a intenção de realçá-la, mas também considera que tais inscrições podem sugerir propagandas feitas por prostitutas sobre a capacidade sexual de seus clientes (ADAMS, 1996, p. 161), como apresentado em um grafite registrado na entrada de uma casa:

*Fortunate animula dulcis perfututor*  
*Scribt qui nouit*  
(CIL, IV, 4239)

[Fortunato, doce coraçãozinho, grande fodedor!  
Escreve-o quem sabe!]<sup>16</sup>.

Entretanto, uma observação desse autor chama a atenção: *futuo* não seria usualmente mencionado, tanto nos grafites como na literatura elegíaca, em sua forma passiva para o papel feminino como seria correto pressupor uma vez ser ela a receptora do membro masculino; pelo contrário, afirma Adams que a palavra “*futuo* (ativo) é também usado pela parte feminina em uma relação sexual regular” (1996, p. 163)<sup>17</sup>. Ou seja, a uso do verbo “foder” é freqüente na voz ativa – “eu fodo”, “eu possuo”, tanto para o masculino como para o feminino. Isso pode ser visto em alguns grafites em que a mulher é representada como “possuidora”:

---

13 “Evidenzia che in realtà quel che più interessava al cittadino di Pompei era che della sua vera o presunta potenza sessuale si parlasse, che i suoi concittadini sapessero, che nessuno potesse mettere in dubbio la sua virilità”.

14 “Los romanos, tan impúdicos para revelarnos sus pasiones sensuales, no creyeron materia de literatura la introspección en el sentimiento amoroso...”.

15 “Restano fra le maggiori preoccupazioni dell’ uomo romano”.

16 Verso talvez escrito por outra pessoa, mas não há consenso sobre isso. Observação apresentada pelo editor Mau logo abaixo da inscrição. Para esta transliteração, segue-se a interpretação sugerida por Cartelle, 1981, p. 115.

17 “*futuo* (attivo) è próprio usato per la parte femminile in un normale rapporto sessuale” (Tradução da autora).

FEITOSA,  
Lourdes M. G. C.  
Práticas sexuais  
e representações  
históricas. *Mimesis*,  
Bauru, v. 29, n. 2, p.  
89-104, 2008.

FEITOSA,  
Lourdes M. G. C.  
Práticas sexuais  
e representações  
históricas. *Mimesis*,  
Bauru, v. 29, n. 2, p.  
89-104, 2008.

*Miduse fututrix*  
(CIL, IV, 4196)

[Miduse possuidora]<sup>18</sup>.

O corrente uso popular desse verbo e sua associação ao membro masculino em ereção, símbolo “do ativo” no ato sexual, é interpretado por Funari em sua capacidade de defender dos perigos e do mau-olhado e, ao mesmo tempo, de trazer sorte e proteção. Essa representação possuía conotação religiosa, apotrópica, de afastar as coisas ruins, os maus agouros e infortúnios e, na contrapartida, trazer sorte (FUNARI, 2003, p. 319)<sup>19</sup>. Por isso o autor considera que, mais do que atribuir o poder do falo somente ao homem, seja razoável supor que era a “relação sexual”, implícita nesse símbolo, que portava consigo a verdadeira potência protetora e, assim, usado na voz ativa por todo aquele que recorresse à sua capacidade apotrópica. A crença no poder dessa imagem justifica a sua enorme presença no cotidiano das sociedades greco-romanas, como pode ser observado nas imagens abaixo:



FIGURA 1. Lamparina de terracota com representação fálica em relevo.  
Pompéia, séc. I d.C. (VARONE, 2000, p. 21)

O símbolo fálico encravado em umas das paredes pompeianas expressa a sua importância afirmativa: “Aqui habita a felicidade!”. O grafite CIL, IV, 5466 é muito significativo desse desejo e busca da felicidade. O grande falo voltado para o seu próprio dono mani-

---

18 Conotação semelhante também nos grafites 2204/3; 4381.

19 Ver, também, Cantarella, 1998.

feita um auto desejo de atrair todos os aspectos positivos (físicos e sociais) relacionados a essa representação, como pode ser observado nas imagens abaixo:



FIGURA 2: Painel pompeiano esculpido em uma das paredes da cidade.  
(FUNARI, 2003, p. 320)

Também o número de acessórios com referências sexuais reforça a idéia do valor religioso atribuído ao ato sexual e um exemplo significativo é a imagem da figa, que caracteriza a junção dos órgãos masculino e feminino, em uma cópula sexual, utilizada por séculos como amuleto da sorte, do bom agouro, da proteção contra os maus fluídos e “olhados”:



FIGURA 3: Grupo de pequenas jóias em ouro e coral, com símbolos fálicos  
(FUNARI, 2003, p. 322)

Em momentos difíceis, era ali que se buscava proteção e o conforto de tentar sair-se bem de uma situação desfavorável. Por exemplo, o grafite:

FEITOSA,  
Lourdes M. G. C.  
Práticas sexuais  
e representações  
históricas. *Mimesis*,  
Bauru, v. 29, n. 2, p.  
89-104, 2008.

FEITOSA,  
Lourdes M. G. C.  
Práticas sexuais  
e representações  
históricas. *Mimesis*,  
Bauru, v. 29, n. 2, p.  
89-104, 2008.

*Floronius binet ac miles leg vii hic fuit. Neque mulieres scierunt  
nisi paucae et ses erunt*  
(CIL, IV, 8767)

“Florônio, fodedor e soldado da sétima legião  
esteve aqui e as mulheres nem souberam, senão,  
até seis seriam poucas!”

comumente interpretado como destaque à virilidade masculina, agora é lido como um recurso utilizado por Florônio para tentar afastar os maus agouros por ter sido negligenciado pelas mulheres que procurou conquistar; daí o seu “despeitado” comentário final de que seis seriam poucas diante de sua virilidade! Além disso, expressar isso nas paredes era uma maneira de pedir proteção aos deuses para que tal “azar” não se sucedesse (FUNARI, 1995, p.13).

O desejo de proteção e a perspectiva de que tais situações desfavoráveis não mais se repetissem são, da mesma maneira, perceptíveis na inscrição CIL, IV, 4498, deixada em uma sala de jantar:

*Thyrsa noli amare Fortunatum. Vale.*

[Tirsa, não ame Fortunato. Salve!]<sup>20</sup>,

no qual um concorrente pode ter desejado a desventura de Fortunato ao solicitar que Tirsa não o amasse, vislumbrando, com isso, a possibilidade de conquistá-la. Em dias atuais seria como dizer “se Deus quiser, Tirsa não amará mais a Fortunado, mas sim a mim”!

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Povos de diferentes culturas e tempos históricos deixaram representações com menções sexuais. Imagens de órgãos genitais; relações vaginal e anal; de cunilíngua, felação e masturbação; práticas individuais, em grupo com figuras míticas, trazem o grande desafio de serem avaliadas por pesquisadores contemporâneos, que se encontram distantes, temporal e culturalmente, dos valores em que foram originadas.

Na sociedade romana, essas representações estão espalhadas em objetos e espaços dos mais diversos. Perguntamo-nos o que simboli-

---

20 Casa de n. 19, Reg. VI, ins. 13.

zaria uma “imagem fálica” apresentada em paredes, lamparinas, sinetas, beirais e jardins das casas. Cenas de um ato sexual espalhadas em quartos, salas, varandas, plantações, lupanares, e reproduzidas em pinturas, esculturas, cerâmicas, louças de luxo e moedas romanas. Como olhar para essas representações?

As reflexões sobre a sexualidade permitem um **olhar crítico** sobre essas menções de cunho sexual como simples elementos de estímulo ao desejo ou um sinal da “devassidão” de nossos antepassados, como banalmente interpretado anteriormente. Mais do que considerar essas representações como algo *natural*, relacionadas apenas à prática universal da cópula humana, é importante considerar os valores culturais e históricos de sua produção.

Hoje, defende-se que essas referências não eram reservadas a circunstâncias exclusivamente eróticas, mas que também assumiam conotações religiosas, satíricas, humorísticas ou simplesmente mostravam-se como um componente agradável e natural da vida.

Por fim, uma análise a respeito de outras conotações atribuídas às referências sexuais de outrora nos faz refletir, também, em nossas próprias representações da sexualidade e nos valores e concepções que a ela agregamos.

## Agradecimentos

Agradeço aos colegas Pedro Paulo A. Funari e Marina R. Cavicchioli pelas reflexões e discussões realizadas sobre esse tema. Entretanto, destaco que as idéias aqui apresentadas são de minha responsabilidade.

## REFERÊNCIAS

### 1. Documentação Antiga:

**Corpus Inscriptionum Latinarum**, uolumen quartum (CIL, IV):

DELLA CORTE, M. *Inscriptiones Pompeianae parietariae et vasorum fictilium*, supp. pars III, fasc. 1-4. Berlin: Akademie Verlag, 1952, 1955, 1963 e 1970.

MAU, A., ZANGEMEISTER, C. *Inscriptionum parietariarum pompeianarum*, supp. pars II. Berlin: Akademie Verlag, 1909.

ZANGEMEISTER, C. *Tabulae ceratae Pompeis repertae*, supp. pars I. Berlin: Akademie Verlag, 1898.

FEITOSA,  
Lourdes M. G. C.  
Práticas sexuais  
e representações  
históricas. *Mimesis*,  
Bauru, v. 29, n. 2, p.  
89-104, 2008.

FEITOSA,  
Lourdes M. G. C.  
Práticas sexuais  
e representações  
históricas. *Mimesis*,  
Bauru, v. 29, n. 2, p.  
89-104, 2008.

ZANGEMEISTER, C., SCHOENE, R. *Inscriptiones parietariae Pompeianae, Herculanenses, Stabianae*. Berlin: Akademie der Wissenschaften, 1871.

## 2. Textos Epigráficos:

ADAMS, J. N. **Il vocabolario del sesso a Roma**. Análisi del linguaggio sessuale nella latinità. Tradução de Maria Laetitia Riccio Coletti e Enrico Riccio. Roma: Argo, 1996.

BODEL, J. **Epigraphic Evidence**. Ancient history from inscriptions. London/ New York: Routledge, 2001.

CARTELLE, E. M. **Priapeos; grafitos amatorios Pompeyanos; la valada de la fiesta de Venus; el concúbito de Marte y Venus; centón nupcial**. s. l.: Gredos, 1981.

IRELAND, R. Epigraphy. In: HENIG, M. (Ed.) **A handbook of Roman Art**. Ithaca/New York: Cornell University Press, 1983. p. 220-233.

KEPPIE, L. **Understanding Roman inscriptions**. Baltimore: John Hopkins University Press, 1991.

## 3. Gerais:

ANDERSON, M. L. Pompeii and America. In: **Rediscovering Pompeii**. Roma: L' Erma, 1990. p. 92-102.

CANTARELLA, E. **Passato Prossimo**. Donne romane da Tacita a Sulpicia. Milano: Feltrinelli, 1998.

CANTARELLA, E. **Pompei**. I volti dell'amore. Milano: Mondadori, 1999.

CANTARELLA, E. **Según la natura**. La bissexualidad en el mundo antiguo. Madrid: Akal, 1991.

CAPLAN, P. (Ed.) **The Cultural construction of sexuality**. 7 ed. London: Routledge, 1996.

D'AVINO, M. **La donna a Pompei**. Napoli: Loffredo, 1964.

FEITOSA, L. C. **Amor e sexualidade: o masculino e o feminino em grafites de Pompéia**. São Paulo: FAPESP/Annablume, 2005.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**. O uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. v. 2, 6 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

FUNARI, P. P. A. Falos e relações sexuais: representações para além da "natureza". In: FUNARI, P. P. S., FEITOSA, L. C., SILVA, G. J.



**Amor, desejo e poder na Antigüidade:** relações de gênero e representações do feminino. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

FUNARI, P. P. A. Romanas por elas mesmas. *Cadernos Pagu* (Campinas), n. 5, p. 179-200, 1995.

FUNARI, P. P. A., FEITOSA, L. C., SILVA, G. J. **Amor, desejo e poder na Antigüidade:** relações de gênero e representações do feminino. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

GALÁN, J. E. **La vida amorosa en Roma.** Madrid: Temas de Hoy, 1996.

GUZZO, P. G. L' arte del possibile. *Rivista di Studi Pompeiani.* Associazione internazionale amici di Pompei. Roma, v. VIII, p. 7-9, 1997.

JACOBELLI, L. **Le pitture erotiche delle Terme Suburbane di Pompei.** Roma: L'Erma, 1995.

KAMPEN, N. **Image and status: Roman working women in Ostia.** Berlin: Mann, 1981.

KIEFER, O. **Sexual life in Ancient Rome.** London: Kegan Paul International, 2000. (Publicação de 1934)

LARMOUR, D. *et alli* (Eds.) **Rethinking sexuality.** Foucault and Classical Antiquity. New Jersey: Princeton, 1998.

LAURENCE, R. **Roman Pompeii.** Space and society. London: Routledge, 1994.

ROBERT, J. N. **I piacere a Roma.** Milano: Rizzoli, 1994.

SCHMIDT, R. A., VOSS, B. L. **Archaeologies of sexuality.** London: Routledge, 2000.

SCHICHVARGEN, L. Leituras cruzadas, Pornografia ao pé da letra. In: *Revista da Folha de São Paulo*, 31 de maio de 2005, pp. 20-21.

SKINNER, M. Introduction. In: HALLETT, J. P., SKINNER, M. B. (Eds.) **Roman sexualities.** New Jersey: Princeton, 1997. p. 3-25.

WASSERMANN, R., LUZ, S. R. Sexo à moda romana. *Veja.* Revista semanal de 17 de março, p. 70-73, 2000.

FEITOSA,  
Lourdes M. G. C.  
Práticas sexuais  
e representações  
históricas. *Mimesis*,  
Bauru, v. 29, n. 2, p.  
89-104, 2008.